

CRIAÇÃO DE SINAIS DE ESPAÇOS SOCIAIS DA UFRN: MARCAS DA PRESENÇA DA PESSOA SURDA NA UNIVERSIDADE

José Arnor de Lima Júnior ¹
Adriana Moreira de Souza Corrêa ²
Egle Katarinne Souza da Silva ³

RESUMO

O surdo é a pessoa que em função da perda auditiva interage com o mundo de maneira visual. Ele é usuário da Língua Brasileira de Sinais, a Libras e isso traz implicações nas suas relações sociais e linguísticas. Em face disso, o trabalho em tela objetiva analisar a visualidade no processo de motivação de criação de seis sinais de espaços sociais da Universidade e a sua relação com a identidade e cultura surda. O trabalho é um relato de experiência, descritivo, com dados analisados em uma abordagem qualitativa. Como resultados identificamos dois processos de ampliação do léxico da comunidade surda que frequenta a Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 1) apropriação de sinais utilizados em outros estados; 2) sinais criados a partir da observação de elementos que caracterizam esses espaços. Esse último grupo se subdivide nos sinais nos quais foi observada a utilização de aspectos arquitetônicos na motivação do sinal; e naqueles onde foi encontrada relação do sinal com a logomarca (com ou sem a presença do processo de formação de palavras denominado de inicialização) para a produção de neologismos. Identificamos ainda a necessidade de produção de sinais é intrínseca ao surdo e que essa prática ressignifica os espaços e amplia o léxico da Libras com a inserção desses sinais.

Palavras-chave: Libras, Criação de Sinais, Experiência Visual, Cultura Surda.

INTRODUÇÃO

Os surdos são caracterizados por se constituírem uma minoria linguística, usuária da Língua Brasileira de Sinais (Libras) (BRASIL, 2005). Essa língua visual-motora, completa e complexa, é utilizada para diferentes interações, para representar conceitos concretos e abstratos que envolvem as interações entre usuários desse sistema de linguístico sinalizado (BRASIL, 2002).

O uso dessa língua, em função da diminuição ou perda da capacidade auditiva pressupõe a percepção do mundo por meio da visualidade e o compartilhamento da Cultura Surda (BRASIL, 2005). Essa cultura, tem como artefato principal a experiência visual que se

¹ Mestrando do Curso de Pós-graduação em ensino pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professor de Libras da UFPE, arnorjr_brasil30rn@hotmail.com;

² Mestra em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, adriana.korrea@gmail.com;

³ Mestra em Sistemas Agroindustriais no Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar - CCTA da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, eglehma@gmail.com;

manifesta, dentre outros artefatos, na expressão e formas de interação decorrentes da língua de sinais (STROBEL, 2008).

Por isso, ao adentrar determinado espaço social, ao conhecer determinado produto cultural e ao apreender conceitos ou conhecer pessoas, o surdo sente a necessidade de criar um sinal (unidade que corresponderia a palavra nas línguas orais) para representar esse significado que é incorporado pela Comunidade Surda por meio da Libras. Esse sinal indica que determinado conceito, coisa ou lugar começa a fazer parte do repertório linguístico da Libras e, assim, passa a ter uma significação singular para o usuário dessa língua.

Diante da relevância do processo de apropriação dos espaços públicos pelos surdos a partir da nomeação desses ambientes utilizando sinais em Libras objetivamos, nessa pesquisa, discutir o processo de criação de sinais em Libras para identificar espaços utilizados pelos surdos que compartilham os ambientes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), *campus* Central, em Natal - RN. Com as reflexões presentes nesse texto buscamos registrar os elementos motivadores de apropriação e criação desses sinais, portanto, a pesquisa assume um valor histórico ao mesmo tempo em que marca a presença e apropriação dos espaços acadêmicos pelos usuários de Libras.

A pesquisa se configura em um Relato de Experiência (DALTRO; FARIA, 2019) que, com base na classificação apresentada por Prodanov e Freitas (2013) configura-se em um estudo de natureza básica, descritivo, pautado nos registros de um docente surdo e com dados analisados em uma abordagem qualitativa.

A investigação se organiza em quatro seções seguintes a introdução: Metodologia, na qual discorremos sobre as classificações, instrumentos e processos utilizados para compor a pesquisa; Identidade e cultura surda: expressão visual e a língua de sinais, que aborda questões referentes à pessoa surda e à visualidade; Criação de sinais referentes aos espaços sociais da UFRN e Considerações Finais.

METODOLOGIA

A pesquisa em tela registra o Relato da Experiência de um professor surdo contratado para ministrar a disciplina de Libras na UFRN que sentiu a necessidade de criar sinais para se referir a locais da referida instituição. Os dados analisados são oriundos das memórias e registros desse docente e são discutidos à luz de teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos Linguísticos sobre o registro do sinal.

Daltro e Faria (2019) ao abordarem o Relato de Experiência explicam que o texto provindo desse estudo é uma análise crítica da percepção de um fenômeno a partir da lente do pesquisador(es) que tece(m) o texto. Logo, a investigação em tela se apoia em pressupostos da pesquisa bibliográfica para analisar o contexto e as imagens representativas dos seis sinais que constituem o *corpus* da investigação.

Os sinais elencados nesse estudo são fruto das discussões de três docentes surdos que, em 2012, trabalhavam na instituição: José Arnor de Lima Júnior, Sédina dos Santos Jales Ferreira e Juliana Fernandes Montalvão Mateus. Os referidos sinais tratam-se de reitoria, de setor, da UFRN, do Centro de Educação, do Centro de Convivência, do Centro de ciências Humanas, Letras e Artes e da Secretaria de Educação à Distância.

O estudo se constitui em três momentos: o primeiro é marcado pela pesquisa bibliográfica sobre a construção dos sinais em Libras e da relevância dessa língua para o surdo; o segundo se constitui no relato do contexto de apropriação e de criação dos sinais elaborados pelo professor surdo; o terceiro compreende a análise e classificação dos seis sinais utilizados para representar localidades da UFRN.

IDENTIDADE E CULTURA SURDA: EXPRESSÃO VISUAL E A LÍNGUA DE SINAIS

Schmitt (2008) explica que os Estudos Culturais buscam analisar o momento histórico e cultural de dada sociedade. Tratando-se dos surdos, esses estudos contribuem para analisar a luta pelo direito de construção de um espaço coletivo que valorizasse a identidade dos surdos e ressignificasse-as de maneira a valorizar as suas características individuais e sociais.

De acordo com o autor: “A teoria cultural se expressa como sucessão de identidades no mundo contemporâneo, para que os sujeitos sociais valorizem, expressem suas diferenças, suas culturas específicas em busca de uma afirmação cultural” (SCHMITT, 2008, p. 107). Para o autor, essa sucessão de identidades ocorre em função da relação com o ouvinte, consigo mesmo e com outros surdos e se desenvolve a partir das conquistas surdas em prol da valorização da sua forma de interagir no mundo, em outras palavras, do reconhecimento das suas potencialidades, identidade e cultura.

Perlin (2013) define a identidade a partir de um conceito apropriado das pesquisas de Silva (1998) no qual o autor explica que a identidade cultural ou identidade social compreende as características que definem determinado grupo social e que os distingue de outros grupos.

Tratando-se dos surdos, Perlin (2013) explica que essas características são definidas pela experiência visual e pela compreensão de ser surdo. Nesse ponto, a autora ressalta que,

apesar de utilizarem diferentes formas de comunicação visual, a de apreensão e interação com o mundo ocorre, predominantemente, através do que Perlin e Miranda (2003) chamam de Experiência Visual. Para os autores, a Experiência Visual é uma característica que define a pessoa surda, em outras palavras, é aquilo que os faz diferentes dos demais grupos sociais.

Perlin e Miranda (2003, p. 218), destacam que “dessa experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico”. Enfim, a partir da afirmação dos autores, entendemos que o surdo ressignifica o mundo através da visualidade, portanto, o registro desses conhecimentos na língua de sinais são essenciais para eles.

A Cultura Surda, por sua vez, é definida por Strobel (2008, p. 24) como “o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais [...]. Isso significa que abrande a língua, as idéias (sic.), as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.”

Na sua obra, Strobel (2008) cita oito artefatos da Cultura Surda, que são objetos e processos que caracterizam esse grupo cultural. Dentre eles, nesse estudo, nos deteremos a dois deles: a experiência surda e a língua de sinais para analisar o processo de criação de sinais para os espaços sociais da UFRN.

A Libras é definida no parágrafo único do Art. 1 da Lei nº 10.436 como: “[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

No que se refere à organização gramatical, os sinais em Libras são formados pela ocorrência ou ausência de marcação de cinco parâmetros. O primeiro é a configuração de mãos, que compreende a forma da mão assumida para a realização do sinal. O segundo ao ponto de articulação, que é o local no corpo ou no espaço neutro à frente do sinalizante destinado à produção do sinal. O terceiro é a presença, ausência e tipo do movimento utilizado na produção do léxico. O quarto é a orientação da palma da mão. E, por fim, o quinto, compreende as expressões não-manuais, que englobam as expressões faciais e corporais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Quanto à criação do sinal, podemos afirmar que eles podem ser arbitrários ou motivados. São considerados sinais arbitrários quando não há relação visível entre o significante (forma lingüística para representar determinado conceito) e o significado. Salles *et al.* (2004) destacam que o léxico da Libras tem forte motivação icônica. De acordo com os autores essa relação pode ser explicada da seguinte maneira:

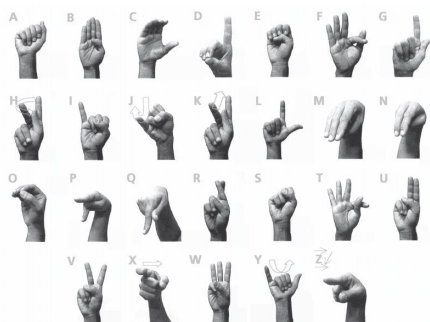
Uma característica das línguas de sinais é que, diferentemente das línguas orais, muitos sinais têm forte motivação icônica. Não é difícil supor que esse contraste se explique pela natureza do canal perceptual: na modalidade visuo-espacial (sic.), a articulação das unidades da substância gestual (significante) permite a representação icônica de traços semânticos do referente (significado), o que explica que muitos sinais reproduzam imagens do referente; (SALLES *et al.*, 2004, p. 83).

Sobre o processo de produção de sinais em Libras, utilizando-se do artefato cultural denominado experiência visual e que estimula o uso da visualidade na relação significante e significado, Sperb e Laguna (2010, p. 10) dizem que:

Muitos dos sinais existentes entre os surdos do meio acadêmico são soletrados ou se utilizam da primeira letra datilológica da palavra. Entendemos que o motivo desta forma de expressão se deve a chegada tardia do bilingüismo na década de 90, então, só há pouco os sinalários começaram a ganhar força. No entanto, questionamos o porquê não há uma criação de sinais naturais que explorem a visualidade.

Quadros e Karnopp (2004, p. 88) explicam que a soletração manual “[...] não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português”. Na Figura 1 identificamos a representação das letras do alfabeto em Libras citadas por Quadros e Karnopp (2004); na Figura 2, um exemplo da representação da palavra Libras em alfabeto manual; na Figura 3, o sinal referente à Libras.

Figura 1: Alfabeto manual



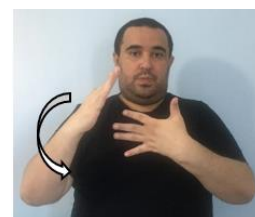
Fonte: Adaptado de Felipe (2001).

Figura 2: Representação manual da palavra Libras.



Fonte: Próprios autores.⁴

Figura 3: Sinal referente à Libras.



Fonte: Próprios autores.

Notamos que a representação de cada palavra em Libras requer o uso de múltiplos sinais, um para cada letra do alfabeto (FIGURA 2), o que além de descaracterizar o sistema linguístico,

⁴ Produzido com a fonte Libras_Kidimais01 disponível para download gratuito em: <https://www.espacoeducar.net/2018/06/fonte-libras-kidimais-para-baixar.html> Acesso em: 11 jul. 2021.

ocasiona demora na explicitação dos conceitos requeridos e, conseqüentemente, prejudica o processo interativo com a morosidade no acesso à informação.

No sinal “Libras”, explicitado na Figura 3, a referência às letras do português é inexistente e a comunicação pode ser realizada de maneira mais rápida e eficaz, pois o conceito é representado por um único sinal.

Já o bilinguismo é a proposta que, para o surdo, pressupõe a aquisição da língua de sinais, com grupos de sinalizantes surdos e o aprendizado da língua portuguesa utilizando-se de estratégias de ensino de segunda língua para usuários de sistemas de comunicação visuo-motores (FINAU, 2006).

A partir dessas informações, na sequência, analisaremos o processo de criação de seis sinais referentes a espaços da UFRN na perspectiva de sinais motivados pela visualidade.

CRIAÇÃO DE SINAIS REFERENTES A ESPAÇOS SOCIAIS DA UFRN

Antes de iniciarmos a descrição do processo de apropriação e de criação de sinais para referenciar os espaços da UFRN buscamos situar o leitor sobre o contexto no qual ocorreu esse processo. Em 2012, foram contratados os primeiros professores surdos para ministrar o componente curricular Libras. Anteriormente, havia docentes ouvintes que trabalhavam esses conteúdos, mas com a ampliação da oferta da disciplina, foi necessário ampliar o quadro de professores e os surdos foram aprovados nas seleções.

Ao participarem das interações no espaço acadêmico, os professores surdos sentiram a necessidade de nomear, em Libras, os locais que interagem, tanto para marcar a presença surda e existência desses espaços no universo linguístico da Libras quanto para favorecer a interação. Antes desse processo de criação de sinais era utilizada a soletração manual para se referir a esses locais da UFRN, por isso, acreditamos que a participação de surdos na insituição fomentou a criação desses sinais sobre os espaços que antes eram nomeados por meio da soletração manual.

Ao analisar os seis sinais elencados para análise nessa pesquisa (reitoria, setor, UFRN, Centro de Educação, Centro de Convivência, Centro de ciências Humanas, Letras e Artes e Secretaria de Educação à Distância), notamos que eles podem ser classificados em dois grupos: sinais apropriados de outras instituições e sinais criados pelos professores da UFRN. No primeiro grupo estão os sinais criados em outros estados que foram pesquisados e apropriados pelos professores; O segundo grupo se divide em dois subgrupos: 1) Sinais criados com

motivação icônica dos elementos urbanos; e 2) Sinais criados a partir das logomarcas que representam esses setores/espços.

Sobre o primeiro grupo, citamos os sinais referentes à reitoria e aol setor que foram apropriados mediante a pesquisa de professores surdos acerca da representação desse espaço em sinais, como podemos notar nas Figuras 4 e 5.

Figura 4: Sinal “reitoria” em Libras.



Fonte: Próprios autores.

Figura 5: Sinal “setor” em Libras.



Fonte: Próprios autores.

Esses sinais não mantém relação com o referente (o espaço específico) situado na UFRN, pois já eram utilizados para nomear esses ambientes em universidades. Assim, a seleção de apropriação de sinais utilizados em outros estados do Brasil foi utilizada para manter a compreensão de surdos de outras regiões que visitassem a instituição.

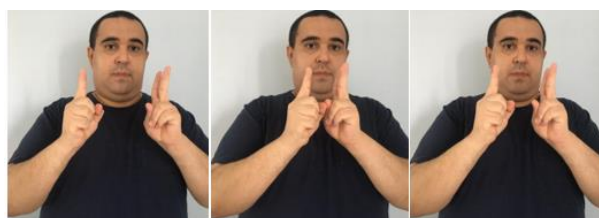
No segundo grupo estão os sinais motivados e o primeiro subgrupo está representado por dois sinais criados a partir da elementos urbanos da instituição, são eles: o sinal para indicar a própria universidade, a UFRN, o sinal do Centro de Educação (CE) e o sinal do Centro de Convivência Djalma Marinho. O monumento da UFRN (Figura 6) foi utilizado para motivar o sinal da UFRN (Figura 7) localizado na entrada principal da instituição.

Figura 6: Monumento da UFRN.



Fonte: Adaptado do *site* da UFRN, 2010⁵.

Figura 7: Sinal da UFRN.



Fonte: Próprios autores.

⁵ Disponível em: <http://substantivoplural.com.br/eleicoes-na-ufrn/> Acesso em: 11 jul. 2021.

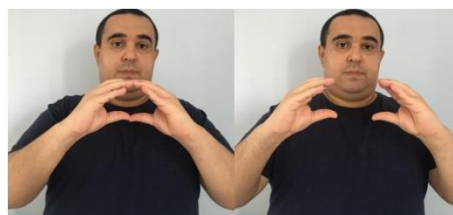
Notamos, nas Figuras 6 e 7, a representação manual três pilares que formam o monumento e a relação evidente do significante (o sinal) e o significado (o conceito a que ele se relaciona). Processo semelhante ocorre com o sinal do CE, conforme podemos observar nas Figuras 8 e 9.

Figura 8: Imagem do CE.



Fonte: Site da UFRN, 2015⁶.

Figura 9: Sinal do CE.



Fonte: Próprios autores.

O círculo vazado que marca a arquitetura do prédio foi o elemento utilizado para motivar o sinal. Desse modo, compreendemos, a partir dos sinais UFRN e CE que a visualidade é um fator relevante nesse processo de criação do sinal que se configuram como sinais icônicos.

Ainda nesse grupo, na Figura 10 notamos a imagem da entrada do Centro de Convivência Djalma Marinho e na Figura 11, o sinal referente a esse espaço.

Figura 10: Centro de Convivência Djalma Marinho.



Fonte: <https://mapio.net/pic/p-14302730/>

Figura 11: Sinal Centro de Convivência Djalma Marinho.



Fonte: Próprios autores.

O sinal foi motivado pela arborização que marca a entrada desse espaço que está voltado para atividades artísticas, proporcionar espaços de alimentação, bancos e lojas de conveniência (PEREIRA; NOBRE, 2007).

⁶ Disponível em: <https://ce.ufrn.br/comunicacao/noticias/seminario-de-avaliacao-e-planejamento-2015.2/15925996> Acesso em: 11 jul. 2021.

O segundo subgrupo dos sinais criados se refere às representações dos espaços cujos sinais foram motivados pelos logotipos da instituição, são eles: o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) e a Secretaria de educação à distância (SEDIS). Na Figura 12 observamos a logo do CCHLA utilizada para a criação do sinal desse espaço (FIGURA 13).

Figura 12: Logo do CCHLA.



Fonte: Próprios autores.

Figura 13: Sinal do CCHLA.



Fonte: Próprios autores.

O sinal representa o delineamento do desenho dos rostos formados a partir da interseção das cores azul escuro e azul claro, uma marca que representa a interação humana estimulada pelos cursos oferecidos pelo centro. Para a produção do sinal, a configuração de mãos do sinal de desenho (Figura 14) é mantida e se duplica para marcar os dois rostos que aparecem na logo criando o neologismo.

Figura 14: Sinal “desenho” em Libras.



Fonte: Próprios autores.

Seguindo o critério de motivação a partir da logo do setor, apresentamos o sinal da Secretaria de Educação à Distância (SEDIS). Na Figura 15 notamos a logo e na Figura 16, o sinal da SEDIS.

Figura 15: Logo da SEDIS.



Fonte: Site da UFRN⁷.

Figura 16: Sinal da SEDIS.



Fonte: Próprios autores.

⁷ Disponível em: https://gitlab.sedis.ufrn.br/users/sign_in Acesso em: 11 jul. 2021.

Para a criação desse sinal, além da presença da motivação, identificamos o processo de empréstimo linguístico denominado inicialização. Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1112) explicam que “A inicialização seria um tipo de empréstimo que tem como recurso o uso da primeira letra da palavra escrita em língua portuguesa”. Tratando-se do sinal SEDIS, a letra o sinal correspondente à letra “s” é sinalizado pela mão direita desse sinalizante (que é destro) e, durante a produção do sinal, a configuração de mãos se modifica para a mão aberta com dedos espalhados, significando as múltiplas cores que se espalham em diferentes direções a partir do núcleo marco na cor roxa que é delineada pela mão esquerda que permanece sem movimento).

A partir da observação de aspectos que caracterizam esses espaços, o professor realizou o registro e a divulgação desses sinais que foram apropriados por sinalizantes surdos e ouvintes. Anos depois da convenção dos sinais e da divulgação, o docente notou que eles continuam sendo utilizados pela comunidade acadêmica e outros sinalizantes que se referem a essas localidades.

Trata-se da incorporação desses espaços no léxico da Libras e na marca da apropriação dos surdos desses espaços sociais que precisam ser registrados, pois mesmo que os elementos motivadores se modifiquem o sinal tende a continuar a ser usado. Uma evidência disso seria que, mesmo com a mudança da logo da SEDIS (Figura 17), o sinal para se referir ao setor tenha permanecido, ou seja, o referente motivado pela logo anterior.

Figura 17: Logo comemorativa da SEDIS atualizada.



Fonte: Site da UFRN, 2021⁸.

Em síntese, os sinais criados remetem à experiência visual do surdo e à busca por identificar e significar espaços e processo à luz da visualidade, portanto, a inserção desses sinais na Libras foi um processo natural e necessário para tratar sobre esses espaços. Diante disso, reforçamos a relevância da Experiência Visual e da Língua de Sinais, artefatos da Cultura Surda que perpassam as relações linguísticas e de percepção do mundo pelas pessoas surdas.

⁸ Disponível em: <https://esud2018.ufrn.br/esud-2018/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em tela buscou registrar e catalogar seis sinais apropriados ou criados para reconhecer espaços e setores da UFRN após a contratação de professores surdos para a instituição. A partir da análise do registro do docente que contribuiu com a pesquisa, selecionamos seis sinais e notamos que esses poderiam ser divididos em grupos a partir dos elementos motivadores e processos envolvidos na construção dos sinais. Inicialmente, podemos afirmar que os sinais se dividiram em apropriados de outros locais e sinais criados. Essa criação demonstra a presença da experiência visual do surdo impressa na Libras e a necessidade de ressignificar os espaços sociais marcados pela presença surda.

Entre os sinais criados, notamos duas formas básicas de motivação, a estrutura arquitetônica da UFRN e a observação das logos representativas dos espaços acadêmicos. Diante disso, compreendemos que o processo de criação de sinais para os espaços da UFRN favoreceu ainda a interação em Libras entre os sinalizantes no momento de tratarem de assuntos referentes a esses espaços.

Trata-se de um registro da memória de produção do sinal ao passo que demonstra a relevância da Libras e da construção dos sinais utilizando os aspectos linguísticos que regem as construções linguísticas dessa língua.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 02 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 02 jul. 2021.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr., 2019.

FINAU, R. Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística. *In*: QUADROS, R. **Estudos Surdos I**. Arara Azul, 2006. p. 216 – 251.

PEREIRA, M. V.; NOBRE, P. J. L. Centro de Convivência Djalma Marinho - UFRN: A "sobrevida" de uma obra da arquitetura moderna em Natal. *In*: Seminário DOCOMOMO

Brasil, 7., Porto Alegre, **Anais [...]**. p. 1 -26, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/041.pdf> Acesso em: 11 jul. 2021.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

PERLIN, G. T. T.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. *In*: Estudos Surdos – Ponto de Vista: **Revista de educação e processos inclusivos**, n. 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, H. M. M. L. *et al.* **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**, v. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SCHMITT, D. Espaço de conforto linguístico cultural dos surdos na UFSC. *In*: QUADROS, R. M. De. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SPERB, C. C. LAGUNA, M. C. V. Os Sinalários na Língua de Sinais: como surgem os sinais? *In*: ENCONTRO DO CÍRCULO LINGUÍSTICO DO SUL – CELSUL. 9., 2010, Palhoça – SC. **Anais [...]**. Palhoça-SC: FADERS, 2010. Disponível em: <http://www.faders.rs.gov.br/uploads/1289994638ArtigoxCrisxLaguna.pdf> Acesso em: 11 jul. 2021.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

RODRIGUES, I. C.; BAALBAKI, A. C. F., Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/5DSBKhdVq999PF4Y38SBmjH/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 11 jul. 2021.